

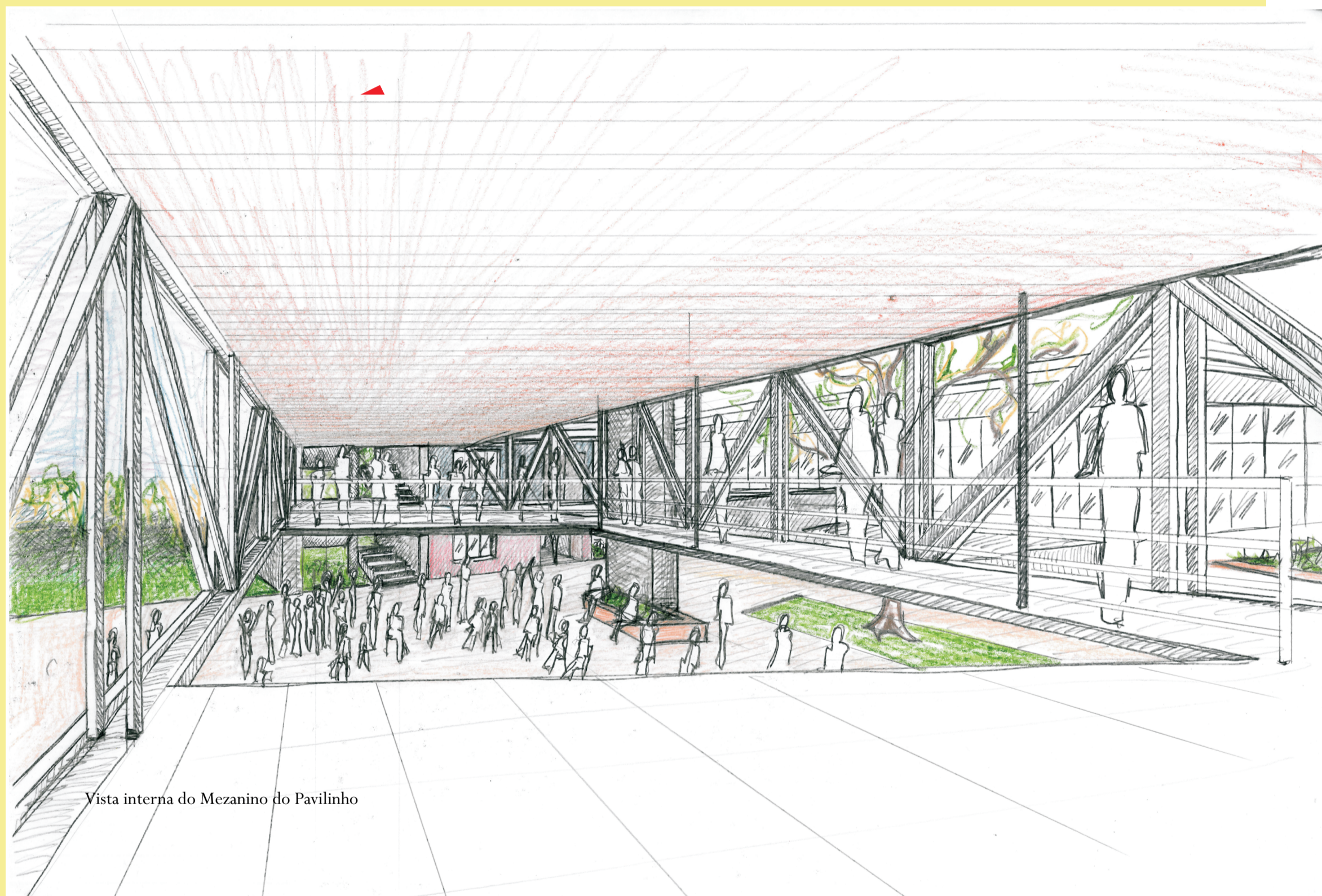
Entrando no prédio o primeiro contato será com um ambiente de muito trabalho e experimentação: estaremos no ateliê. O ateliê na nova proposta é um espaço único que vai de norte a sul, atravessando todo o térreo. Ele é formado por diferentes patamares, em vários níveis, que sugerem um tipo diversificado de apropriação. Alguém deitado ou sentado poderá conversar com o colega que está de pé, ou discutir um projeto com alguém que projeta ao nível de seu chão. Não quisemos aqui ser muito rígidos na definição dos espaços com o intuito de provocar: a forma de apropriação do ateliê deverá ser definida pela própria escola em um esforço coletivo. O exercício de pensar a ocupação deste espaço – que poderia ser separado por divisórias temporárias, por paredes de meio nível em experiência junto ao canteiro, poderia ser mantido como está – seria parte do esforço de se pensar a escola, onde todos deveriam se sentir parte de seu processo de construção, ou mesmo de repensar sua própria atuação dentro da escola. O ateliê é coberto por uma laje maciça de concreto com vigas de

amarração entre os pilares. A intenção da solução adotada é contribuir para a unidade do espaço do ateliê.

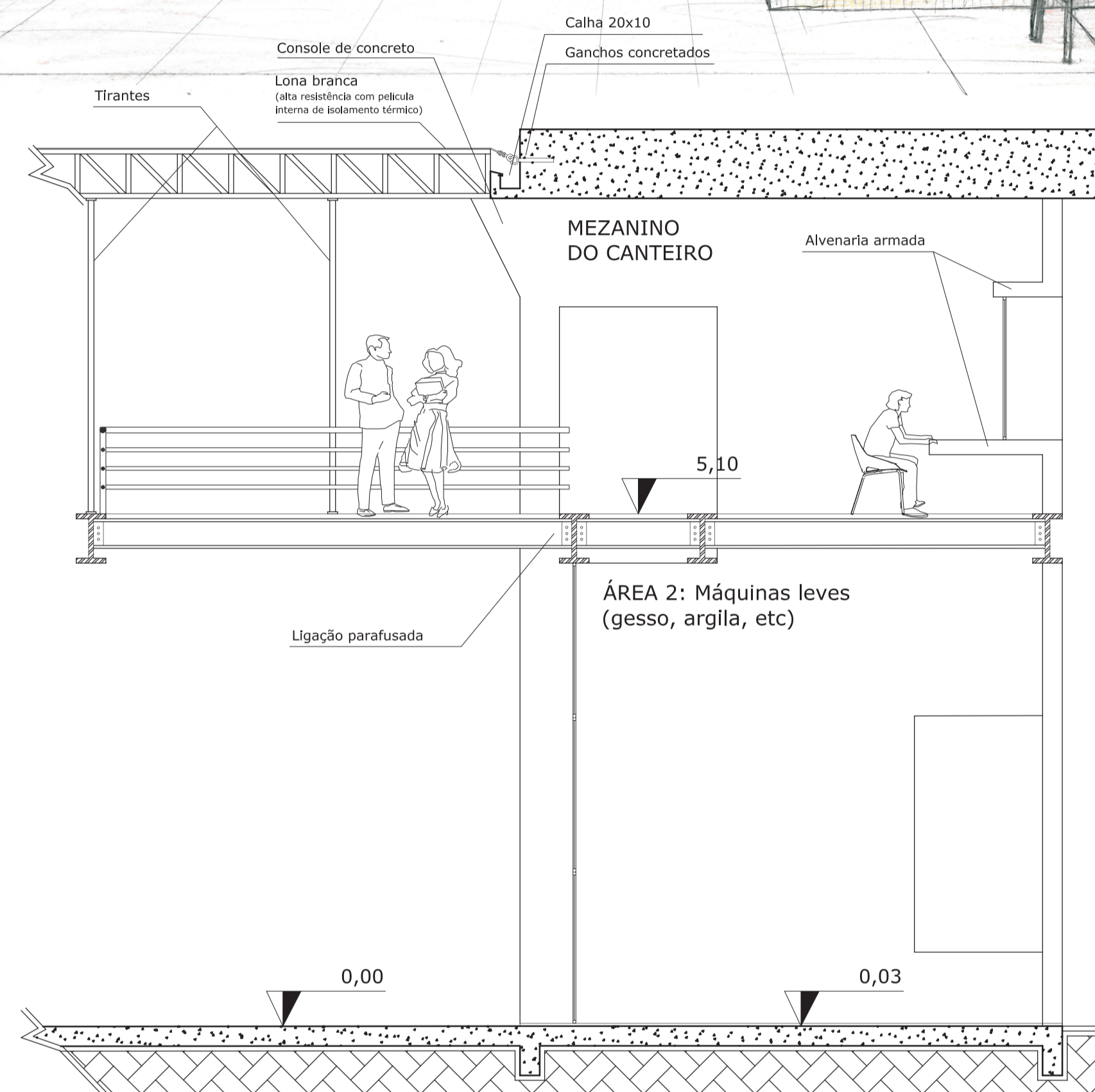
Não temos dúvida ao afirmar que o ateliê é um dos polos fundamentais da escola de arquitetura, formando uma dupla com o segundo polo que é o canteiro experimental. Mas é fundamental que o ateliê seja também um espaço de experimentação, e possua uma vinculação profunda com o canteiro. O desenho pode ser experimentado no canteiro – um arranjo espacial, uma estrutura – e voltar à prancheta para ser corrigido, em um movimento dialético, de interação recíproca.

Seguindo então o percurso do eixo transversal – que é também marcado por uma abertura zenital no ateliê – chegaremos ao canteiro experimental. Mas claro, antes de chegar lá pararemos para tomar um café, que ficará instalado na articulação dos dois polos, pois também é espaço de crítica, de reflexão, de projeto.

## O ATELIÊ É UM DOS POLOS FUNDAMENTAIS DA ESCOLA DE ARQUITETURA, FORMANDO UMA DUPLA COM O SEGUNDO POLO QUE É O CANTEIRO EXPERIMENTAL.



Vista interna do Ateliê em relação com o café no meio e saída ao canteiro no fundo



**16** Detalhe 2 - cobertura e mezanino do canteiro escala 1:50

## "O QUE ESTÁ EM CONSTRUÇÃO NESSE CANTEIRO EXPERIMENTAL, MAS UM NOVO TIPO DE

Aí então chegamos ao canteiro: é um espaço amplo articulado em dois níveis:

a – Cota 1,65: está no nível do ateliê ao mesmo tempo em que se articula com os laboratórios de restauro, conforto e sistemas construtivos. Aqui ocorrerão preferencialmente atividades de experimentação que tenham relação com estes laboratórios. Neste nível, não será possível o desenvolvimento de atividades que exijam um equipamento muito pesado, pela dificuldade de transporte de materiais e máquinas e também pela proximidade a outras atividades da escola que exigem maior silêncio.

b - o outro, no nível 0,00, que possui 2 áreas: uma área coberta e outra descoberta e externa, mais próxima aos cursos d'água, totalizando então 3 grandes áreas de canteiro. A área coberta do canteiro articula 3 diferentes tipos de trabalho: a) com máquinas pesadas, preparada para trabalho com madeira, metal, concreto, e outros materiais mais duros. Esta área fica mais longe das demais e do próprio conjunto da escola; b) máquinas leves, para trabalho com materiais leves e maleáveis, tais como gesso e argila; e 3) um espaço de oficina de desenho. As atividades de maquetaria poderiam ser distribuídas entre as três áreas, dependendo do material escolhido para o uso. A área coberta do canteiro possui um pé direito de 8,50, fica próxima ao espaço interno de depósito de materiais e permite também a entrada e saída de caminhões de carga. A cobertura é formada por treliças metálicas que, em parte se apoiam na estrutura do prédio atual e em parte em grandes pilares de concreto na outra extremidade. O fechamento zenital é feito por uma lona branca de alta resistência, com película interna de isolamento em relação à radiação solar. A opção pela lona tem um sentido estrutural, estético e didático. A leveza estrutural tem razão de ser para não forçar demais a estrutura do prédio já construído, que suportaria uma das extremidades e ao mesmo tempo vencer o vão de 15 metros sem ser necessário o uso de pilares que, por um lado, seriam muito altos e esbeltos, com grande possibilidade de flambagem, e, por outro lado, criariam obstáculos no térreo do canteiro, que necessita de um espaço amplo e limpo. A leveza estética da cobertura treliçada com lona contrasta com os dois blocos de apoio; o peso do prédio antigo e dos novos pilares de concreto. A ideia é de que existe uma realidade, um suporte existente, e um fardo histórico, o peso de uma sociedade que não consegue resolver os problemas da humanidade – que estão ligados aos problemas pedagógicos de nossa escola – mas que, acima dela, é possível pensar soluções que sejam exatamente o seu oposto, leves e simples, como uma lona e uma estrutura metálica. O aspecto didático emerge também desta simplicidade, da leveza e da limpeza na resolução de problemas arquitetônicos. Já a área externa possui menos definição em relação às suas funções, é uma grande área plana gramada que poderia ser utilizada para montagem de estruturas de grande porte. Na área externa também está previsto um tanque de cura para peças pré-fabricadas e um depósito de entulhos e rejeitos. Materiais que sofrem menos com a ação do tempo também poderiam ser depositados na parte externa do canteiro.

Toda essa linha que articula canteiro e laboratórios de tecnologia é o que poderíamos chamar de espaços *duros*, de ação mais cuidadosa, que envolve inclusive aspectos de segurança do trabalho.

Aqui, antes de seguirmos nossa caminhada pela escola, é necessário tecer mais algumas considerações sobre o canteiro experimental e mais um pouco sobre a sua relação com o ateliê. Esse instrumento pedagógico é fundamental para se retomar a noção de arquitetura enquanto práxis, teoria e prática, ação racional crítica, como já resgatado em uma citação de Sérgio Ferro anteriormente. Nesse sentido, uma questão já abordada em diversos textos, é a noção de que o canteiro experimental não visa reproduzir o canteiro de obras convencional. Antes, sua proposta pedagógica se ampara na crítica a ele, na crítica à reprodução da alienação e

A nova proposta arquitetônica e pedagógica para a escola de arquitetura e urbanismo da UFSC leva em consideração o prédio construído e busca armar um diálogo entre o velho e o novo, entre as possibilidades novas e a memória do já construído.

A nova proposta tem como ponto de partida geral um eixo transversal que quebra com o eixo de simetria e busca articular todas as atividades político-pedagógicas da escola.

As circulações verticais são mantidas em relação às atuais, apenas ganhando um desenho e um caráter mais permanente. Além das três escadas (parte central, leste e oeste) e do elevador, que também se mantém, prevemos mais duas circulações verticais. Uma na ponta de entrada do eixo transversal e outra no final, dando vista a áreas verdes da UFSC e ao morro do bairro Pantanal.

